

Índice

O trans-humanismo, entre ciência e negócio	1
A explosão de divórcios foi um sarampo	2
Os professores, chaves para diminuir a desigualdade educativa.....	3
“Missão: Impossível – Fallout”	4

O trans-humanismo, entre ciência e negócio

Alguns trans-humanistas reuniram-se de 19 a 21 de outubro no congresso Transvision Madrid 2018. Fazem-no de dois em dois anos, em diversos lugares do mundo, desde 1998. Aí foi possível observar, tudo junto ou misturado, o sério, o comercial e o extravagante.

A abordagem trans-humanista parte do acelerado avanço da tecnologia, um facto que nos está a afetar: cada vez são mais as pessoas operadas à vista, com próteses nas articulações, com reforços (*stent*) nas artérias ou com válvulas no coração. Também se alteraram muitas das nossas atividades quotidianas com avanços que, em grande parte, se devem à [inteligência artificial](#) (“Aceprensa”, 29.8.2018).

E tem avançado de forma vertiginosa a investigação nas células: como regenerá-las, como reconstruir tecidos, como modificar algumas para que neutralizem tumores...

É verdade que a ciência caminha por aí. Como afetará isso a humanidade pode dar-nos vertigens, mas devemos refletir e pensar para onde estamos a ir e como fazê-lo bem.

O [trans-humanismo](#) é uma corrente intelectual que há algum tempo pensa nisso, e redigiu um manifesto de intenções com sete pontos. Por exemplo, o n. 1 diz: “Prevemos a viabilidade de redesenhar a condição humana, incluindo parâmetros como o inevitável do envelhecimento, as limitações dos intelectos humanos e artificiais, a psicologia indesejável, o sofrimento”. Ou no ponto n. 4 lê-se: “Os trans-humanistas defendem o direito moral daqueles que desejem utilizar a

tecnologia para ampliar as suas capacidades mentais e físicas e para melhorar o seu controlo sobre as suas próprias vidas. Procuramos um crescimento pessoal que vá além das nossas atuais limitações biológicas”. São ideias que soam bem a muitas pessoas: querem potenciar as capacidades humanas, eliminar o sofrimento, decidir sobre como queremos ser e até vencer a morte.

Os trans-humanistas baseiam tudo no crescimento exponencial da tecnologia e da ciência, que nos levará, segundo eles, a um momento de crescimento quase infinito (a singularidade, por volta do ano de 2045). Haveria que fazer um esclarecimento matemático: a curva exponencial vai crescendo cada vez mais, mas não tem um valor em que se torne infinito (os matemáticos diriam que não tem assíntota vertical). Também se deveria recordar os anos que antecederam a viagem de Neil Armstrong à Lua: os avanços na tecnologia espacial foram tão espetaculares que toda a gente pensava que nas décadas seguintes se popularizariam as viagens ao espaço e iríamos vestidos com fatos prateados. A realidade não foi assim.

À [Transvision Madrid 2018](#) acorreram cientistas e pensadores sérios, que explicaram as tendências do momento e as consequências a que nos podem levar. Por exemplo, falou-se de que se a produção de bens depende cada vez menos do homem e mais da tecnologia, vamos para uma sociedade da abundância onde o desafio será gerir o lazer.

Também participaram outras pessoas mais “exóticas”. Houve um *youtuber* que propôs “a ciência da felicidade”, cujos pilares são uma saúde extrema, dinâmicas sociais, e uma psicologia do sucesso. Outro participante ensinou a que as pessoas

relaxem e se unam a todo o Universo num programa de "regeneração da consciência celular".

Mas não nos enganemos: há muitas pessoas a investigar e a trabalhar em tudo isto, com fundações ligadas a grandes empresas tecnológicas que contribuem com enormes quantias em dinheiro. É tentador para qualquer dirigente dessas empresas liderar o futuro: há demasiado poder em jogo. A solicitação de fundos também se dirige para tantas pessoas idosas, sem muita família, a quem se oferece lutar contra o envelhecimento com as poupanças da sua vida.

Tudo isso não deixa de ter um cheiro de pseudo religião, com um credo (manifesto trans-humanista) e gurus. Tão-pouco faltam os repetidos anúncios de que podemos comprar os seus livros à saída. Toda uma indústria comercializadora de produtos para viver e envelhecer de forma sã.

Na Transvision, incluía-se na documentação aos assistentes a revista "LifeExtension", muito bem editada. Cerca de metade das páginas são estudos, com muitas referências, sobre diferentes doenças, fatores que aumentam ou diminuem o risco, etc. A outra metade são anúncios, de pessoas sorridentes e de certa idade, com produtos marca "LifeExtension", que nos melhoram a vida e protegem as nossas células. Há até produtos para prolongar a vida das nossas mascotas.

Na primeira fila havia uma pessoa a gravar todas as intervenções, que vestia uma camisa (é interessante a linguagem das camisas em qualquer reunião) com a seguinte pergunta impressa: "Ainda acredita... no Ratinho Pérez (espécie de fada dos dentes) (sim/não), no Pai Natal (sim/não), nos Reis Magos (sim/não), em Deus (sim/não)". Deveria acrescentar "no Trans-humanismo (sim/não)", porque bastantes teses do trans-humanismo não estão demonstradas cientificamente: para dizer que a morte vai ser definitivamente suprimida, é necessária bastante fé, o mesmo que para pensar que prolongar a vida e ser feliz são algo que se junta de modo automático. Que a inteligência artificial ganhará consciência de si mesma? Pode ser que sim, ou pode ser que não. Prova afirmativa, por agora não há nenhuma. As tentativas de ligar o cérebro humano a um computador mal começaram, assim como transferir toda a mente humana para uma máquina, ainda é algo para se ver, muito longínquo.

Há mais aspetos até agora reservados às religiões. Por exemplo, a promessa de imortalidade ou o desejo de dominar a vida e fazer dela o que se quiser, sem nenhum limite.

Mas não se pode negar aos trans-humanistas que colocaram temas importantes sobre a mesa, que se deve pensar neles e chegar a acordos de possibilidades e limites. É bom recordar o que [o Papa Francisco recordou](#) há não muito tempo: "Nem tudo aquilo que é tecnicamente possível ou viável é por isso mesmo eticamente aceitável".

A explosão de divórcios foi um sarampo

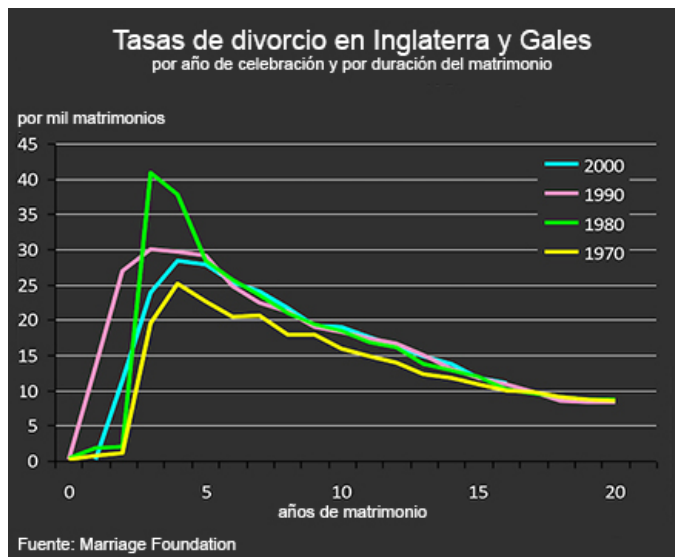
A maré de divórcios aconteceu em grande parte do Ocidente. Aumentou bruscamente nos anos 70 do século passado (ou nos 80, nalguns países), atingindo o máximo na década seguinte e no século XXI tem vindo a baixar para os níveis anteriores à crise. Assim se observa nas estatísticas britânicas mais recentes. Dados menos pormenorizados de outros países indicam uma descida similar.

Medir a evolução do divórcio não é fácil. O número de divórcios bruto (divórcios por mil habitantes), publicada por todos os organismos estatísticos nacionais, é uma fotografia que diz pouco, pois a percentagem que interessa é em relação aos casamentos. Mas compará-la com o número de casamentos tão-pouco serve de muito, pois em cada ano, os casais que contraem matrimónio não são os mesmos que se divorciam. Só se obtém uma estimativa válida com um estudo de um longo período, que observe as ruturas ao longo do tempo dentro de cada grupo específico de casamentos.

Isso é o que se permite fazer o ONS (Office for National Statistics), o instituto de estatísticas britânico. Os [últimos dados](#), publicados em finais de setembro passado, refletem um recuo do divórcio desde os anos 90, como salienta a [análise efetuada por Harry Benson](#), da Marriage Foundation. Benson combina as recentes estatísticas com outras do ONS para encontrar a duração dos casamentos no momento da rutura. (Em todos os casos, os números referem-se à Inglaterra e ao País de Gales, não a todo o Reino Unido.)

Verifica-se assim que a variação do número de divórcios desde 1963 (primeiro ano para o qual se dispõe de dados completos) se situa quase totalmente nos primeiros dez anos de casamento. Passado esse período, a taxa desce e praticamente iguala-se para todos os grupos específicos de casamento. Em resumo, o que se passou é que nas décadas de 70 e 80 do século XX, houve uma explosão de divórcios entre casais recentes; os que resistiram nos seus primeiros dez anos não se romperam em maior percentagem do que os de antes ou de depois. Em meados dos anos 90, a onda começou a recuar, de forma que os casamentos formados na primeira década do século XXI já estão próximos das taxas do passado.

O gráfico publicado em "Aceprensa" (7.11.2018) mostra essa evolução:



Para dar una idea de la mudança produzida, Benson compara as taxas de divórcio dos casais mais recentes com as máximas registadas anteriormente. A redução mais forte corresponde aos divórcios situados no primeiro triénio de casamento: dos efetuados em 2013, três anos mais tarde tinham terminado 2 %; nos efetuados em 1993, a percentagem é de 4,4 %. Ou seja, o número de divórcios nos primeiros três anos baixou 54 %.

Com o número de divórcios observado até agora, pode-se estimar a probabilidade de que um casamento acabe em divórcio nalgum momento (o que se chama taxa total de divórcios) por grupo específico. A maior taxa final, de 44 %, é a dos casados em 1986. Pelo contrário, para os casais que contraíram matrimónio na última década, o risco de divórcio é de 37 %, o mais baixo desde 1973.

Outros países registaram um fenómeno similar. Nos Estados Unidos, como mostra um [gráfico publicado pelo "The New York Times"](#) em 2014, divorciaram-se nos primeiros dez anos mais de 20 % dos casais que contraíram matrimónio nos anos 80, e 15 %, por outro lado, dos casados na década passada. (Claire Cain Miller, "The Divorce Surge Is Over, but the Myth Lives On", "The New York Times", 2.12.2014).

O Canadá teve também uma explosão de divórcios nos anos 80, segundo [estatísticas](#) publicadas em 2011. A taxa de divórcios nos primeiros dez anos de casamento, que em 1970 era de 14 %, situou-se em torno dos 20 % em 1980 e 1990, e depois começou a baixar.

Que se passou então naqueles anos maus? Os números não o dizem, mas Benson aventura uma hipótese. Baseia-se em que praticamente todo o aumento de divórcios nos primeiros dez anos corresponde a divórcios a pedido das mulheres. Os que foram solicitados pelos maridos cresceram um pouco até se estabilizarem em torno dos 6 %. Mas os desencadeados pelas mulheres, que eram 6 % em meados dos anos 60, em

finais dos anos 80 situaram-se nos 17 %, para baixarem para 13 % depois do ano 2000.

Benson pensa que quando o casamento era a "opção pré-determinada", os homens casavam-se com menor compromisso afetivo, que é aquilo que as mulheres valorizam especialmente e cuja falta começaram a tolerar pior após as mudanças de mentalidade dos anos 60. Agora, supõe Benson, a decisão de se casar é mais séria.

Torna-se muito difícil verificar a teoria de Benson. Seja acertada ou não, a verdade é que agora a explosão do divórcio parece mais um episódio do que uma tendência permanente. Por outro lado, a instabilidade familiar pode estar ligada em maior grau à união de facto.

R. S.

Os professores, chaves para diminuir a desigualdade educativa

A cultura francesa moderna inclui uma forte paixão pela escola republicana, via de todos os progressos... nunca alcançados, especialmente no plano da igualdade social. Em parte como consequência das migrações – também as internas – continuam a observar-se diferenças de entidade nas diversas regiões, entre escolas rurais e as urbanas ou, por último, conforme os bairros das grandes cidades.

Mostra-o um relatório recente sobre as desigualdades de origem territorial nas escolas secundárias da Île-de-France (a região a que pertence Paris), apresentado pela presidente do Conselho nacional de avaliação do sistema escolar, a socióloga Nathalie Mons. Na sua opinião, "contra o mito de uma República única e indivisível, encarnada na chamada educação 'nacional', as desigualdades territoriais ficaram eclipsadas durante muito tempo; somente em tempos recentes foram abordadas pelos investigadores". Na verdade, este trabalho mostra grandes diferenças em matéria de sucessos e fracassos: nalgumas zonas da Île-de-France são o dobro que noutras.

O problema ficou claro diante da eclosão em 2005 da [violência nos banlieues](#) – os bairros degradados da periferia de Paris –, apesar das medidas que se haviam adotado em 1982 através da criação daquilo que foi chamado "[zonas de educação prioritária](#)" (ZEP). Estes dias são recordados após a enorme difusão nas redes sociais que alcançou um vídeo no qual se vê uma estudante do ensino secundário em Créteil (Île-de-France) apontando para uma professora com uma arma –

falsa –, com o objetivo que ela não chame a atenção a uma colega por esta ter chegado tarde à aula.

Desde 1982, foi feito um grande esforço nas ZEP. Do apoio especial em recursos económicos e, sobretudo, de professores, beneficiam cerca de meio milhão de alunos. Mas foi referido rapidamente, que era muito difícil haver progressos na igualdade, porque os bons resultados conseguidos nalguns sítios se compensavam com a deterioração de outros. A chave estava na otimização dos meios postos à disposição das escolas: mostrava mais uma vez que no sistema educativo nem tudo depende dos investimentos económicos, embora certamente não se possam desvalorizar.

A desigualdade escolar é um fenómeno demasiado complexo. No começo e no final, como reconhece a última investigação oficial, tem de se observar o perfil dos professores, algo mais do que “um recurso educativo estratégico”. Conta muito a sua idade, a sua formação, a sua experiência profissional e o seu estatuto jurídico: a condição de funcionários públicos ou de meros contratados temporários.

De facto, ainda que em certas zonas seja maior o número, a percentagem de professores menores de 30 anos e de contratados é três vezes superior, em média, nas escolas situadas em bairros desfavorecidos. Nos territórios com mais dificuldades, um em cada três docentes tem menos de 30 anos, contra um em cada dez nos lugares com mais recursos.

Algo disto era conhecido como um dos efeitos não desejados do estrito “mapa escolar” na admissão de alunos: os centros em destaque situam-se nos melhores bairros da cidade, frequentados por filhos de famílias abastadas e com nível cultural. A “zonificação”, justificada em termos de igualdade, joga em detrimento da integração social.

Por outro lado, é muito negativa a instabilidade das equipas pedagógicas. Como reconhece Nathalie Mons, “quando metade da equipa se vai embora no final de cada ano letivo, é quase impossível construir um projeto escolar que consolide a aprendizagem”.

Não é fácil assegurar a estabilidade, porque os professores tendem a abandonar as zonas menos atrativas – por exemplo, com más comunicações –, especialmente onde existe um contexto de segregação em massa, como o de Seine-Saint-Denis, departamento contíguo à capital. Embora logicamente não seja fácil aos mais jovens conseguir lugar nos bairros de maior nível de rendimento, porque são demasiado caros para os que começam a sua carreira profissional. “Seine-Saint-Denis tem um duplo desafio: atrair os professores e, sobretudo, retê-los”.

Nem todas as zonas desfavorecidas apresentam os mesmos resultados. Com dificuldades sociais semelhantes, alguns distritos de Paris e os mais rurais de Seine-et-Marne, por exemplo, conseguem que os seus alunos tenham maior sucesso do que a média da Île-de-France: em função da qualidade, experiência e estabilidade dos professores, que asseguram o

aproveitamento dos estudantes idóneos, e conseguem simultaneamente que avancem os menos dotados ou os insuficientemente motivados pessoal ou familiarmente.

Por último, parece necessário aplicar às ZEP medidas que atraiam professores, proporcionando-lhes igualmente a formação através do apoio daqueles que têm experiência: as autoridades educativas devem fazer muito mais para conseguir que os docentes jovens permaneçam durante mais tempo, “ajudando-os a transformarem-se em profissionais experientes”. Isso porque o futuro da sociedade começa a construir-se no ensino primário.

S. B.

“Missão: Impossível – Fallout”

“Mission: Impossible – Fallout”

Realizador: Christopher McQuarrie

Atores: Tom Cruise; Henry Cavill

Duração: 160 min.

Ano: 2018

Este último filme da série “Missão impossível” segue o mesmo ritmo de ação e a mesma linha narrativa dos seus antecessores, enchendo o écran de trepidante emoção e suspense sem fôlego.

Destacam-se dois aspetos centrais: o primeiro é a questão da identificação do objetivo. O herói conhece bem a sua missão e qual o objetivo final a atingir. Ao longo do filme vamos vendo quais os meios empregues para alcançar esse fim e as várias estratégias seguidas, mas todas elas só fazem sentido pelo facto do objetivo estar sempre bem presente e ser algo concreto, preciso e conhecido nos seus pormenores e detalhes. Todas as decisões são tomadas tendo em linha de conta o objetivo último que se pretende conseguir e que está bem identificado.

O segundo aspeto central do filme é o trabalho em equipa. O herói principal preocupa-se com os elementos que fazem parte da respetiva missão. Conta com eles, distribui-lhes tarefas e encargos, tendo o cuidado de lhes explicar bem o que está em jogo e qual o objetivo final. Todos sentem que fazem parte de uma equipa e entreadjudam-se como um todo. Isso fortalece-os, pois “a união faz a força”.

Tópicos de análise:

1. Identificar o objetivo é essencial para desenhar uma estratégia eficaz.
2. Um objetivo deve ser algo concreto, claro e conhecido em pormenor.
3. Trabalhar em equipa potencia o esforço e o empenho individual.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

